

A CAMINHO DA AFRICA...

«Eu dentro da cinematografia nunca pretendi ocupar outro lugar que não fosse o de humilde jornalista» — diz-nos

A BANDONA a Patria, o lar e as lides jornalísticas um dos nomes que mais sobredoirou a imprensa cinematográfica da capital.

Parte após haver guindado o seu nome a um honroso lugar de destaque, a um pedestal tão elevado como inacessível, que a muitos custou... e a muitos fez morder o labio de inveja!

E, comtudo, o seu nome como todo aquele que inicia a sua vereda no proceloso caminho das letras, não pode deixar de sofrer e sentir as influencias vituperiosas emanadas dos seus amigos.

Despeitos, odios e invejas, foram apenas as unicas coisas que a sua individualidade to-pou na ingrata jornada que a sua idiosincrasia abraçou.

Deste antagonismo procriado entre os indiscutíveis meritos da sua pena consagrada pela critica e pelos mestres com geraes aplausos, e os acres raciocinios dos idoneos que em seu redor pululavam, sanguesugando o ambiente honesto do seu nome, brotou a génese perniciososa que veio a envolver e a obsidiar o espirito culto de Augusto Claro.

Em certos casos a intriga antes de deprimir, eleva!

E os que o acolitaram foram os que mais contribuíram e arreigaram na sua mente a esperança de triunfo das suas tendencias jornalísticas.

E, contra a expectativa dos que o menoscabavam, elas realisaram-se, pujantes de beleza e de fórma. E, assim, esses amigos que não lograram atingir a finalidade prescrita no seu asqueroso intento, porque a sua pena os fustigou e liquidou, pouco a pouco, no prelo com alguns productos do seu labor moral e intelectual, devem agora ficar radiantes quando tiverem conhecimento que Augusto Claro se ausentou para as plagas africanas a procurar no olvidio a paz para o seu espirito e o silencio para *algumas almas diamantinas que peregrinam por esse mundo de Cristo... em demanda de um osso de mais facil trituração.*

* * *

A *Cinema* quiz ouvir e arquivar nas suas colunas, por intermedio de um dos seus redactores, as ultimas declarações de uma competencia que á Arte do Silencio dedicou o mais honesto e proficuo dos seus esforços.

Tem lugar a entrevista.

AUGUSTO CLARO



—Afasta-se definitivamente, colega?

—Sim, definitivamente. As minhas palavras são, já, certamente inúteis. Entretanto peço que tornem publico esta declaração.—*«Eu, dentro da cinematografia nunca pretendi ocupar outro lugar que não fôsse o de humilde jornalista!»* E' isto que deve ficar esclarecido para sempre.

—Que pensa do *Jornal dos Cinemas*?

—A minha direcção teve em vista fazer o jornalismo profissional. Sinto orgulho de ter feito a maior propaganda da cinematografia nacional.

—Os seus colaboradores?

—Todas as honras lhes pertencem inteiramente. Porém, quero destacar dentre eles, um, que eu considero o meu melhor cooperador.

—Qual?

—Manuel Joaquim.

—Foi, só, no cinema que a sua acção como jornalista mais se acentuou?

—Não, tratei sempre com o mesmo carinho e com a mesma paixão ambas as modalidades: teatro e cinema.

—Fundou mais algum jornal?

—Sim, a *Comedia de Lisboa* onde tive bellos colaboradores como Augusto d'Esaguy, Rubens Esaguy e Manuel Mateus. A minha paixão pelo teatro levou-me a desempenhar o cargo de critico do *Jornal dos Teatros*. Vem a proposito manifestar a minha admiração por João Florencio Gomes, proprietario desse jornal e editor do *Jornal dos Cinemas*. E, já, agora deixo-me ser vaidoso... alguns momentos...

—Porquê?

—Consegui modernisar as velhas biografias...

—Refere-se ao seu pseudonimo *Cavaleiro do Silencio*?

—Sim, os meus detractores cansaram-se... e resolveram imitar a minha audácia...

N'um desabafo:

—Enfim, coisas que passaram e que vão morrer para mim. Resta-me apenas manifestar a minha estima pelo Porto... Porque ha-de existir esta injusta rivalidade entre Porto e Lisboa?

N'um tom de sincera amargura:

—Não seremos todos filhos de Portugal?
Pode crêr: é a unica magua que levo da Europa...

Depois de uma pausa:

—... não ter podido quebrar esse lendario gelo...

Uma ultima pergunta.

—Por quanto tempo espera estar ausente de Portugal?

—Seis anos!...

A terminar.

—Um abraço que dure até ao meu regresso—seis anos.—Um outro de despedida a todos os cinematografistas portuguezes, a quem devo gentilezas inolvidaveis...